



INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICA PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE CAPANEMA-PA

Cássia Rayara do Nascimento Alves (Universidade Federal do Pará- UFPA)¹

Maria Beatriz Ramos da Silva (Universidade Federal do Pará- UFPA)²

Paula Suelem do nascimento Matos (Universidade Federal do Pará-UFPA)³

Vanessa Silva Borges (Universidade Federal do Pará- UFPA)⁴

Neide Maria F. R. de Sousa (Universidade Federal do Pará-UFPA)⁵

Eixo Temático: 4 – Educação Inclusiva.

RESUMO

O objetivo do trabalho foi compreender a percepção da professora e do diretor sobre aspectos da inclusão escolar; assim também, propor uma prática pedagógica inclusiva com foco na ludicidade. O ensaio de pesquisa de abordagem qualitativa foi realizado em uma escola municipal de educação infantil e ensino fundamental no município de Capanema-PA. Participaram da pesquisa o diretor, a professora e as crianças da turma do pré-III da referida escola. O procedimento metodológico foi organizado em dois momentos: no primeiro, foi realizado o levantamento de campo e no segundo, a prática pedagógica na turma. O levantamento de dados foi realizado por meio de entrevista semiestruturada com o diretor e a professora da turma do pré-III da referida escola. Na ação pedagógica propomos ações com a utilização de jogos e brincadeiras que envolvessem toda a turma (inclusive crianças público alvo da educação especial). Os jogos envolviam o processo de letramento com figuras e palavras relacionadas às vogais e consoantes. Os resultados sugerem que na concepção dos entrevistados é necessário promover atividades que busquem atender a diversidade presente no contexto escolar. As ações lúdico-pedagógicas foram bem aceitas pelas crianças e buscou-se que todas as crianças obtivessem uma aprendizagem significativa que promovesse o envolvimento de todos os alunos, e que atendesse as diversidades presentes no cenário escolar. Concluímos que os procedimentos metodológicos obtiveram grande êxito, despertando o interesse das crianças nas atividades educativas, proporcionando para esses sujeitos um desenvolvimento significativo.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. Ludicidade. Educação infantil. Inclusão escolar

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação do Campus Bragança, Capanema na Universidade Federal do Pará. E-mail: cassiarayara@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação do Campus Bragança, Capanema na Universidade Federal do Pará. E-mail: sbeatriz14181@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação do Campus Bragança, Capanema na Universidade Federal do Pará. E-mail: paula.matos088@gmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação do Campus Bragança, Capanema na Universidade Federal do Pará. E-mail: vannyvem5@gmail.com

⁵ Neide Maria F. R. de Sousa – Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará, Professora da Universidade Federal do Pará, doutorado em Educação. E-mail: neylla64@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho fez parte da disciplina Educação Inclusiva, ocorreu por meio de levantamento teórico, pesquisa de campo e uma ação pedagógica em uma escola da rede pública do município de Capanema-PA. E teve como objetivo compreender a percepção da professora e do diretor sobre aspectos da inclusão escolar; assim também, propor uma prática pedagógica inclusiva com foco na ludicidade.

A inclusão, é um movimento político, cultural, social e pedagógica surgiu na ideia de todos os estudantes devem estar juntos, aprendendo e participando, sem discriminação; assim também, um ensino de qualidade no qual as crianças de grupos específicos como não sejam excluídas. Deste modo, Mantoan (2003, p. 8) ressalta que:

Estamos “ressignificando” o papel da escola com professores, pais, comunidades interessadas e instalando, no seu cotidiano, formas mais solidárias e plurais de convivência. É a escola que tem de mudar, e não os alunos, para terem direito a ela! O direito à educação é indisponível e, por ser um direito natural, não faço acordos quando me proponho a lutar por uma escola para todos, sem discriminações, sem ensino à parte para os mais e para os menos privilegiados. Meu objetivo é que as escolas sejam instituições abertas incondicionalmente a todos os alunos e, portanto, inclusivas.

Para que a inclusão aconteça é preciso um conjunto de ações como políticas públicas exitosas até modificações na escola. No contexto escolar as mudanças começam no projeto pedagógico e envolvem dimensões diversas como: mudanças nas práticas pedagógicas, na formação dos professores, recursos suplementares, novas metodologias e formas de avaliação, entre outros, para que a escola tenha um olhar dinâmico e heterogêneo.

A educação infantil, atende crianças entre 0 a 3 anos (creche/ maternal) e de 3 anos a 5 anos (pré-escola). Logo, são espaços que devem ser vistos como direito da criança em conviver por meio de relações e da ludicidade, se desenvolver e aprender. Desta forma se faz necessário que as instituições tenham qualidade, priorizando o desenvolvimento das crianças.

Na perspectiva da LDB, seção II, art.31, tem regras comuns como:

- I - avaliação mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental;
- II - carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuída por um mínimo de 200 (duzentos) dias de trabalho educacional;
- III - atendimento à criança de, no mínimo, 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral;
- IV - controle de frequência pela instituição de educação pré-escolar, exigida a frequência mínima de 60% (sessenta por cento) do total de horas;
- V - expedição de documentação que permita atestar os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança. (BRASIL, 1996).

No que concerne à educação especial, no art. 58, da LDB, refere-se “à modalidade de

educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação”. (BRASIL, 1996). Na dinâmica escolar há uma vasta diversidade de crianças com necessidades especiais, onde foi realizada a ação pedagógica com a turma do Pré-III, dando ênfase às crianças especiais.

Outrossim, tais crianças precisam de acompanhamento especializado no contexto escolar, isto é, serem incluídas em “serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial”, art. 58, § 1º (BRASIL, 1996). Visando, o enfoque de inclusão ao permitir o direito de ser incluído para além da integração, tendo todos os direitos de quaisquer cidadãos.

Ademais, as políticas inclusivas não se realizam apenas na matrícula de crianças de grupos diversos (como crianças públicas alvo da educação especial, crianças negras, etc), é preciso de fato criar situações reais de inclusão. A escola precisa ser subsidiada por políticas públicas que ofereçam condições de ações inclusivas. O docente responsável pela turma precisa fazer o planejamento para que essa criança participe de todo o processo de aprendizagem e seja incluída nas atividades desenvolvidas pela turma, necessitando sempre envolver e aperfeiçoar suas habilidades.

Conforme Cortesão (2006) a diversidade sociocultural faz parte do contexto escolar, a ótica multicultural dos atores que constroem a escola deve permitir práticas inclusivas e não conduzir a folclorização de culturas.

Por outro lado, articular a prática pedagógica com a ludicidade revela-se um agente auxiliar na mediação da inclusão dos alunos, sendo de fato, uma forma de desenvolver as habilidades e competências sociais.

Assim, o lúdico na educação infantil é importante para o pleno desenvolvimento das crianças, proporcionando conhecimento através de práticas que alinhem alegria, bem-estar e aprendizagem. Segundo Kishimoto (2013)⁶, é preciso ter uma cultura lúdica para que a criança se torne um cidadão capaz de resolver seus problemas, uma pessoa flexível, que sabe se relacionar com os demais, um ser humano seguro, com autonomia, enfim, características essenciais aos cidadãos dos tempos atuais.

No ato do brincar, a criança desenvolve suas habilidades psicomotoras, cognitivas e sociais, bem como, possibilita a interação com o meio e com os outros, promove cultura e

⁶ Vídeo: A IMPORTÂNCIA do Brincar - Tisuko Kishimoto (USP), 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0a11A_UBdWA. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

constitui saberes para além dos conteúdos.

A ludicidade na educação inclusiva auxilia na promoção do cognitivo e social, pois promove a interação de crianças com alguma deficiência com outras não deficientes, inserindo-as em um mesmo campo de relações. Além disso, contribui para o seu desenvolvimento, uma vez que atividades guiadas pelo lúdico propõem a superação de desafios, contribuindo para seu cotidiano, desenvolvendo suas capacidades e as expandindo.

Para Vygotsky (1984, p.97),

A brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz.

2. MÉTODO

2.1 Participantes

Participaram do trabalho de campo, a professora Ana, atuante nas turmas de Pré-III dos turnos da manhã e tarde, as crianças da turma e o diretor. A turma era composta por oito meninas e 16 meninos, todos com faixa etária de cinco anos. Na turma havia quatro crianças público-alvo da educação especial (duas crianças com distúrbio de déficit de atenção e hiperatividade, uma com deficiência intelectual e a outra com paralisia cerebral).

2.2 Lócus

O trabalho foi realizado em uma Escola Municipal de Ed. Infantil e Ensino Fundamental, localizada no município de Capanema-PA, a instituição possui oito salas de aula, sendo uma destinada ao AEE (Atendimento Educacional Especializado), espaço reservado para a creche, um banheiro, uma sala da diretoria, uma sala da coordenação, uma copa e uma quadra esportiva.

2.3 Procedimentos de levantamento e intervenção

Inicialmente ocorreu uma conversa informal e entrevista com o diretor da escola e com a professora. Em seguida, a execução da prática pedagógica.

O levantamento foi realizado por meio de entrevista semiestruturada com três perguntas e conversa informal com o diretor e a professora da educação infantil - turma do Pré-III da escola. Para salvaguardar a identidade, foi dado o nome fictício de Ana para a professora. O roteiro pré-definido da entrevista tinha as seguintes perguntas:

- 1. O que você entende por educação inclusiva?**

2. Na sua turma tem aluno público alvo da educação especial?
3. A partir de uma política educacional inclusiva, como é seu planejamento/ prática pedagógica? Você tem alguma dificuldade na implementação de uma prática pedagógica inclusiva?

Além da entrevista, foi realizada uma observação preliminar na turma, identificando a interação das crianças, metodologia e recursos utilizados pela docente, ambiente da sala e relação aluno/professora.

A intervenção foi realizada por meio de uma ação pedagógica com base no levantamento de informações. Elaborou-se um planejamento da prática pedagógica, nesta utilizou-se atividades lúdicas e inclusivas com base no conteúdo (o processo de letramento) ministrado pela professora. A prática pedagógica foi realizada no período da manhã, com uma turma de vinte e seis crianças e uma professora. Essa ação envolveu jogos e brincadeiras com imagens de objetos, palavras e vogais e consoantes para trabalhar o processo de letramento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram organizados em dois momentos: levantamento e intervenção. No primeiro momento iremos mostrar a entrevista semiestruturada com a professora Ana e diretor, no segundo momento serão descritos o planejamento e a prática pedagógica que foi desenvolvida em sala.

1º MOMENTO: A PERCEPÇÃO DOS PARTICIPANTES SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR

Foi realizado o levantamento por meio da entrevista com a docente e o diretor. Após a transcrição da entrevista surgiram as seguintes categorias temáticas:

Compreensão de educação inclusiva

Para o diretor a inclusão é um desafio diário. Relatou sua preocupação em organizar a instituição com o viés da inclusão.

Para a professora Ana a educação inclusiva é compreender a diversidade do ser humano e proporcionar para esses sujeitos uma educação de qualidade e igualitária em salas regulares, com o objetivo de desenvolver o ensino e aprendizado de todos. Vejamos a fala da professora Ana:

A educação inclusiva se configura na diversidade inerente à espécie humana, buscando perceber e entender as necessidades educativas especiais de todos os alunos, em salas de aulas comuns, em um sistema regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos. (professora Ana).

Conforme Batista (2006), a Educação Inclusiva reflete uma visão humanista da educação que entende a escola como um espaço de diversidade e democracia, cuja missão é promover a educação para todos.

Educação infantil e o aluno público alvo da educação especial

A professora entende que a inclusão deve acontecer, não somente ao aluno com deficiência. Cita que ocorre dificuldades para adequar o conteúdo de acordo com as necessidades de cada um, porém não é impossível.

Em sua narrativa, o diretor fala que o aluno público alvo da educação especial é bem-vindo. O mesmo, informou que a partir do momento que o número de alunos com necessidades especiais na sala regular cresceu, ocorreu uma “não aceitação dos professores”, pois os mesmos não aceitavam ter que mudar sua metodologia para tornar todos inclusos, ou seja, “foi difícil fazer com que eles aceitassem”. Ele afirmou que passou a promover reuniões e discussões com os professores para que houvesse inclusão em sua prática pedagógica. Atualmente, todos compreenderam a importância e buscam incluir os alunos com necessidades especiais nas atividades da sala de aula.

Segundo Mantoan (1999, 2004), a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita aos alunos com deficiência e aos que apresentam dificuldades de aprendizagem, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Para a autora o impacto nas escolas é grande com a inclusão.

Para Mantoan (2004, p.188), com esse perfil organizacional, podem ser imaginado o impacto da inclusão na maioria das escolas, especialmente quando se entende que inclui é ensinar a todas as crianças, indistintamente, em um mesmo espaço educacional: as salas de aula de ensino regular.

Compreende-se a necessidade de trabalhar atividades que estejam prontas para atender as diversidades no contexto escolar, visando contemplar todos os alunos nas práticas educativas.

3.1 Planejamento prática pedagógica

A professora Ana em sua fala assinala sobre o papel do professor. Para a mesma o docente não deve apenas olhar para a deficiência dos alunos, mas enaltecer as habilidades e competências que os mesmos possam adquirir no processo de aprendizagem. Ela afirmou

que dentro do ambiente escolar procura desenvolver métodos que visem desenvolver as capacidades de todos os discentes. Vejamos sua narrativa:

A partir da nova política, os alunos considerados público-alvo da educação especial são aqueles com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação. Além de aprender a adaptar o planejamento e os procedimentos de ensino, é preciso que os educadores olhem para as competências dos alunos, e não apenas para suas limitações. É isso que eu busco fazer (Professora Ana).

Glat (2007), destaca que a política de Educação Inclusiva diz respeito à responsabilidade dos governos e dos sistemas escolares de cada país com a qualificação de todas as crianças e jovens no que se referem aos conteúdos, conceitos, valores e experiências, materializados no processo de ensino aprendizagem escolar, tendo como pressuposto o reconhecimento das diferenças individuais de qualquer origem.

2º MOMENTO – A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A intervenção teve o intuito de explicar e incentivar as crianças a uma aprendizagem significativa articulada com a ludicidade. Por tal fato, foram trabalhadas as vogais e a família silábica da consoante B por meio de jogos e brincadeiras:

Figura 1 - Recursos utilizados na prática pedagógica



Fonte: Acervo pessoal.

Figuras 2 e 3 - Realização da ação pedagógica



Fonte: Acervo pessoal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que práticas pedagógicas como esta que valorizam e respeitam as especificidades de cada aluno, possuem papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem, bem como os recursos inclusivos que possibilitam a interação e participação de todos, fornecem o direito de acesso ao conhecimento.

Percebemos também que infelizmente, trabalhar com práticas inclusivas que englobam as necessidades de cada aluno em respeito à sua especificidade ainda é uma objeção por parte dos educadores que pode ser causada pelo tradicionalismo ou pelas próprias crenças limitantes que prendem na mesmice, pois em uma sociedade moderna e contextualizada, necessariamente, considerarmos o ensino que alcança a todos, levando em consideração a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais, dessa forma cada professor bem como, cada componente do corpo escolar deve colocar suas práticas pedagógicas em avaliação para que não sejam prejudicados pela homogeneização das turmas, mas que sejam alcançados e respeitados no processo de planejamento e criação dessas práticas.

Em vista ao desenvolvimento da turma em questão, buscou-se trabalhar a inclusão e a ludicidade de forma que todos os alunos pudessem desenvolver suas habilidades de maneira que o ensino-aprendizado estivesse em ênfase. Assim, englobando os conhecimentos adquiridos e aperfeiçoando o ensino que por meio desse agregará valores para a sua formação. O material pedagógico confeccionado pelas alunas que realizaram a ação pedagógica buscou contemplar todas as crianças no processo educacional. Percebemos que o novo (os recursos e a metodologia utilizada) atraíram positivamente a atenção dos alunos, sendo relevante para seu desenvolvimento e aprendizagem em relação às vogais e a família silábica do B, alinhando ludicidade, inclusão e educação. Essa prática desenvolvida propiciou uma experiência única, reflexões ricas em saberes para nossa formação docente, consciente na necessidade de ações educativas que alcancem a todos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Cristiana Abranches Mota; MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Educação inclusiva**: atendimento educacional especializado para a deficiência mental. 2 ed. Brasileira: Mec, SEE SP. 2006, p. 68.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:
<https://proplan.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/7/2014/09/LEI-n%C2%B0-9.394-de-20-de-dezembro-de-1996.pdf>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

CORTESÃO, Luiza. **O arco-íris e o fio da navalha- problemas da educação em face das diferenças**: um olhar crítico, uma proposta de análise. In. RODRIGUES, D. (org). **Inclusão e educação**: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: SUMMUS, 2006.

GLAT, Rosana (org.). **Educação inclusiva**: Cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? 1. Ed. São Paulo: moderna, 2003. Apresentação. p. 8-16.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. O direito de ser, sendo diferente. Revista CEJ conselho da justiça federal / centro de estudo judiciário da justiça Federal. Setembro de 2004, Brasília /DF.

RIBEIRO, Oliosi Simone. **Ludicidade no contexto das práticas pedagógicas na educação infantil de 0 a 3 anos**. Universidade do Estado do Mato Grosso, Sinop/MT-Brasil 2016. p. 3 e 4. (Video)

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
WAJSHOP, Gisela. Brincar na pré-escola. São Paulo: Cortez, 1995.